



Maria Irene Bento
Soito da Ruiva



Ficha Técnica

Editor

Trenmo Engenharia, Lda

Fotografia da Capa

Olívia Silva

Museu da Pessoa

Responsável Editorial

Jorge Gustavo Rocha

Entrevista

Liliana Monteiro

Anabela Lima

Transcrição

Liliana Monteiro

Edição da História de Vida

Hugo Pereira

Revisão

Filipa Rodrigues

Liliana Monteiro

Design

Ana Lopes

ISBN

978-989-8172-09-9

Prefácio

Soito da Ruiva encantou-me desde a primeira vez que a visitei! O motivo da minha atracção não foi desde logo evidente para mim, mas fui descobrindo nas visitas seguintes: lugar e identidade andam lado a lado neste espaço carregado de símbolos, memórias e significações.

Penso que não se poderá falar desta aldeia e das suas gentes, sem se falar do espaço físico que habitam. Soito da Ruiva é uma aldeia completamente pedonal, onde o automóvel é obrigado a permanecer na entrada da aldeia. O espaço público é um espaço na escala humana, criando proximidade e facilitando o convívio. E esta “humanidade” do lugar tem reflexo na identidade da sua população, generosa e alegre, abrindo os seus lares, tal como a aldeia se abre à confraternização.

Surge assim este projecto, cujo objectivo é ajudar a valorizar a aldeia divulgando o valor das suas gentes! No entanto, não se pretende descrever as características gerais desta população, mas sim focar as experiências de cada um dos seus habitantes, a sua relação no espaço da aldeia, retratando o funcionamento desta comunidade!

Álvaro Costa

Maria Irene Bento

Maria Irene Bento nasceu a 6 de Maio de 1934 em Soito da Ruiva, onde sempre morou. Fazia parte de uma família de sete pessoas: os seus pais e os seus quatro irmãos, dois mais velhos e dois mais novos. O seu pai Albano Bento migrou muito cedo para Lisboa, pelo que a sua mãe Maria da Assunção desempenhou um papel muito importante na sua vida. Completou a 2^a classe, mas da escola recorda-se, sobretudo, das brincadeiras que tinha durante o percurso entre a sua casa e Sobral Magro. Casou com António Fontinha na véspera de São João de 1951. Actualmente nota que Soito da Ruiva está muito modificado em relação ao tempo da sua juventude. Ainda se dedica à agricultura, mas menos do que no passado. Faz broa e tigeladas. Deixou de fazer queijo porque já não tem animais.

Conteúdo

Identificação <i>Maria Irene Bento</i>	4
Ascendência <i>Albano Bento e Maria da Assunção</i>	4
Casa “ <i>Nem tinha um quarto só para mim!</i> ”	6
Infância “ <i>A fazer judiarias</i> ”	9
Costumes	16
“ <i>Ainda faço broa</i> ”	16
“ <i>Ó Assunção, olha que eu não fiz sinal na broa!</i> ”	17
“ <i>Fiz e vendi tanto queijo</i> ”	19
“ <i>Era uma barrigada de rir</i> ”	20
“ <i>A tigelada é partir os ovos</i> ”	22
“ <i>Era comer e chorar por mais!</i> ”	23
Quotidiano “ <i>A miséria foi muito grande</i> ”	27
Religião “ <i>Palmilhámos isto tudo a pé</i> ”	29
Namoro “ <i>Escreveu-me a pedir em namoro</i> ”	30
Casamento “ <i>Casei-me ainda garota</i> ”	30
Lugar “ <i>Isto agora está tudo muito modificado</i> ”	37
Pessoas “ <i>Costumavam dar nomes às pessoas</i> ”	40
Sonhos “ <i>Um transporte para nos ir levar à carreira</i> ”	41
Avaliação	41



Fotografia 1: Maria Irene Bento. Soito da Ruiva.

Identificação *Maria Irene Bento*

Chamo-me Maria Irene Bento. Nasci no Soito da Ruiva a 6 de Maio de 1934 e aqui morei sempre.

Ascendência *Albano Bento e Maria da Assunção*

O meu pai chamava-se Albano Bento e a minha mãe Maria da Assunção. Tiveram cinco filhos a contar comigo. Tinha quatro irmãos. Dois irmãos mais velhos e dois mais novos. Rapariga era só eu. Por isso, é que fui muito sacrificada. Eles foram todos trabalhar para fora. Com os seus 15 ou 16 anos já tiveram que alinhar e seguir para Lisboa. Coitaditos! Trabalhavam uns num lado, outros noutra, uns numa coisa, outros noutra. Era o que aparecia! O trabalho não era certo e ganhavam pouquinho. O meu pai era uma pessoa muito agarrada ao dinheiro e eles tiveram que se virar sozinhos. Por isso é que morreu tão novo. Eles puxavam-se uns aos outros. Começavam a escrever-se uns aos outros e puxavam-se uns aos outros para irem para Lisboa.



Fotografia 2: Acácio Bento Fontinha, filho de Maria Irene Bento quando tinha 10 anos.

Casa “Nem tinha um quarto só para mim!”

Quando era mais nova morava com a minha mãe e os meus quatro irmãos numa casa que tenho junto à minha. Já nem se vê. Era assim uma casita de pedra, tapada com lajes. Tinha duas salazinhas: uma mais pequenina e outra maior. Tinha uma cozinha pequenina, duas janelazitas para baixo e uns quartinhos muito pequeninos na parte de cima, quase só à medida do corpo. Não tínhamos lá mesas-de-cabeceira nem roupeiros, nem coisa nenhuma. Cabia só lá uma camita e a gente dormia ali assim. Nem tinha um quarto só para mim! Dormia com a minha mãe. Os meus irmãos dormiam no outro quartinho pequenino. Outros dormiam por outro lado, até no chão. Quantas vezes dormiam até no chão! Sabe Deus como se viveu... Quantos dias acordávamos e estavam as águas das chuvas a cair-nos em cima e eu assim:

- Ó mãe está-me a cair chuva.

E a minha mãe, coitadinha, levantava-se e ia pôr umas coisinhas a aparar, em cima no sótão, para ela não nos estar a cair em cima. Foi assim a nossa criação.

Na cozinha era onde eu mais gostava de estar! Estávamos sempre lá ao quentinho, porque tínhamos fogueira para cozinhar. Naquele tempo não havia fogão. Mas a gente não tinha chaminé como agora. Púnhamos lenha para ali. Era fumo por todo o lado, mas depois desaparecia. Subia e saía pela janela. Às vezes, a minha mãe saía à rua e dizia:

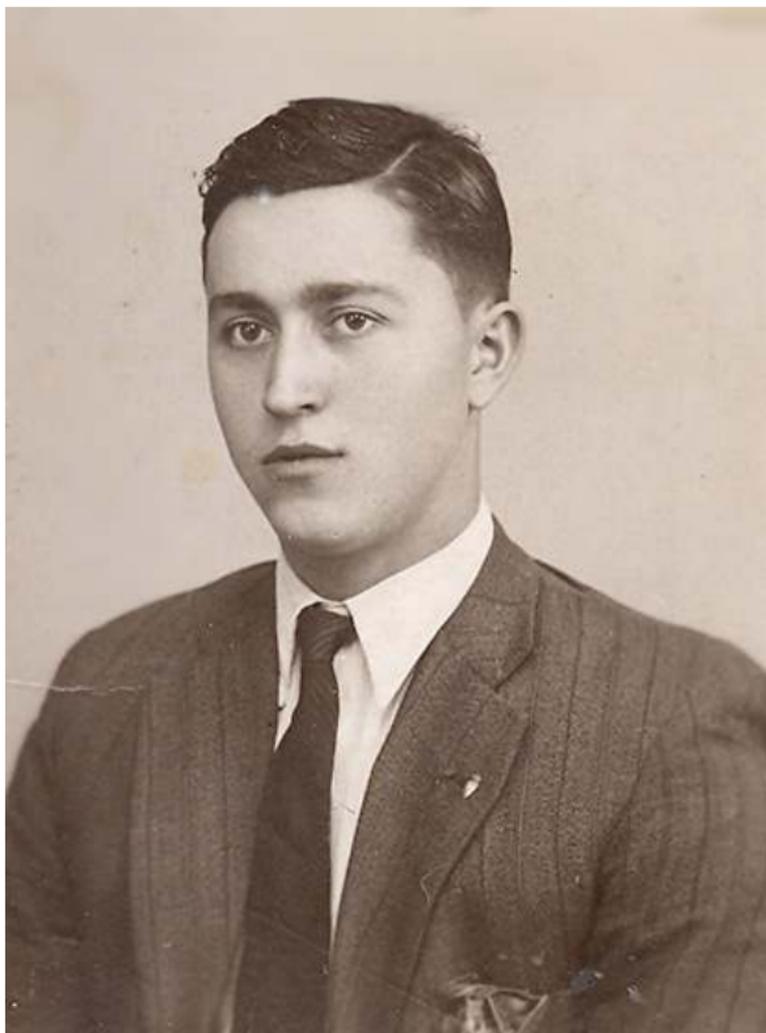
- "Deus mande tempo bom, que estou aqui neste inferno."

Quer dizer, eram dois infernos. Era o inferno de aturar o fumo e de aturar a gente. Porque a gente estava sempre a dar pancada uns nos outros.

Estive a morar dez meses em Lisboa. Só que esses dez meses foram como dez anos para mim. Nunca gostei de Lisboa. Já lá fui muitas vezes, porque tenho lá os meus filhos, mas depressa me farto de lá estar. Prefiro viver na minha terra. Estive lá dez meses com a minha filhinha que me morreu, tinha quatro aninhos. O meu marido nessa altura ganhava 30.800 escudos. 800 escu-



Fotografia 3: Américo, irmão de Maria Irene Bento.



Fotografia 4: Jaime, irmão de Maria Irene Bento.



Fotografia 5: Maria Irene Bento (sentada), com a cunhada, o sobrinho e o seu filho Acácio. Soito da Ruiva.

dos eram 8 tostões. Trabalhava quatro dias por semana! Como é que eu havia de gostar de viver lá? Não era um bom ordenado para pagar renda de casa e sustentar três pessoas... Vim-me embora, que eu dizia o seguinte:

- Eu tenho a minha casa - já tinha esta casa feita - e estou aqui a pagar renda?

Quando chegava o dia de pagar a renda roía-me toda. Pagávamos 270 escudos ou o que era, mas para o ordenado do meu marido era muito. E para governar três pessoas... Não tem explicação.

Infância “A fazer judiarias”

A minha mãe fazia a sopa duas vezes ao dia, coitadinha. Fazia uma sopa muito boa. Só que ela, coitadinha, não tinha com quê. A gente trabalhava muito, mas nem todos os anos se produzia. E tivemos um ano em que comemos a sopa um ano inteiro só com farinha. A gente habituou-



Fotografia 6: Maria Irene Bento a bordar em casa. Soito da Ruiva, Março de 2007.

-se e depois já nem gostava dela de outra maneira. Ela punha a panela grande de ferro ao lume. Trazia-a toda muito limpinha. Andava sempre ali a raspar a panela com uma faca por fora e por dentro. Punha-a ao lume e cortava a hortaliça, as couves para um alguidar. Lavava a hortaliça primeiro e depois cortava-a. Depois ia buscar a farinha e punha-a por cima das couves. Estando a panela a ferver, "zumba", metia lá dentro. Em tendo a sopa a ferver, já não se levantava dali. Ficava sempre a mexer a sopinha e ficava muito boa! Mas tinha que fazê-la duas vezes ao dia. Coitadinha, cinco filhos e ela seis, tirava seis tigelinhas de sopa. Eu comia menos, claro, porque era rapariga. Tinha irmãos mais velhos que trabalhavam muito e não ficavam bem só com uma tigela de sopa. Comiam duas, era o que lhes apetecesse. E depois para a noite tinha que fazer outra vez sopa.

Também cozia o pão duas vezes por semana. Tínhamos que ir buscar lenha para cozer a broa e eu dizia-lhe assim:

- Porque é que você não faz como a tia Porquéria que anda lá sempre com a broa rija debaixo dos alguidares. Assim come-se menos. Coza muita.

A minha mãe fazia um pão que ficava sempre bom. Ficava todo escrapeadinho, com aqueles buraquinhos.

A gente naquele tempo comia sopa e pão. Outras coisas não tínhamos, claro, mas sopa, pão e queijo tínhamos à fartura porque tínhamos muito gado. A minha mãe não mandava a gente ir tratar do gado, fazia-nos ir cortar mato e lenha. Tratar do gado era com ela. Não confiava na gente. Tínhamos muito leite e queijo. Recordo-me que a minha mãe fazia uns queijos muito grandes. À noite, às vezes, quando não queria fazer a sopa, ou quando havia pouco para todos, ela fervia um caldeiro de leite de cabra e a gente botava tudo abaixo. Naquela altura não se vendia queijo. Mais tarde, passámos a vender, mas naquele tempo não havia quem procurasse e nós comíamos mais à fartura.

Quando a gente de manhã se levantava, a minha mãe nunca nos deixava ir para o trabalho sem comer. Fazia-nos sempre o café. Naquele tempo já tomávamos café



Fotografia 7: Alfredo, irmão de Maria Irene Bento.



Fotografia 8: Silvino, irmão de Maria Irene Bento.

na casa da minha mãe. E era logo uma broa que ia. Então, íamos cortar o mato para o gado. Depois vínhamos e íamos buscar os molhos de lenha, os feixes de lenha. Quando a gente chegava, ela deixava dentro de uma gaveta da mesa uns pedaços de pão com uns pedaços de queijo muito grandes. Houve alturas em que a gente, às vezes, já queria outras coisas, porque já andava farta de comer queijo. Mas não havia mais nada e a gente tinha de o comer, claro.

Andei na escola até aos 9, 10 anos. Talvez não fosse tanto. Só fiz a 2ª classe. Ainda cheguei a andar com duas ou três professoras. Elas também se seguravam pouco tempo. A escola era no Sobral Magro. Íamos a pé a fazer judiarias. A minha mãe foi criada aqui em baixo numa quinta, chamavam-lhe a Ribeira. Uma irmã da minha mãe casou e ficou a viver lá. Tinham rebanhos de gado, claro! Íamos pela estradita abaixo, começávamos a arrancar pedras e a jogá-las para aqueles matos, que são uns sítios muito elevados. E só a víamos a vir da casa para fora a apertar as mãos na cabeça! Eram aquelas pedras a irem ter lá abaixo. Uma vez, a minha tia veio cá. Vi-a e fui logo esconder-me, pensei que ela ia contar à minha mãe. Ela nem disse nada à minha mãe, mas estava eu cheia de medo que dissesse. Isto de raparigas não era tanto. Os rapazes é que era pior. Esses, não há nada de mal que não lhes lembrasse. As brincadeiras dos meus irmãos nem têm explicação. Eram terríveis. Juntavam-se uns aos outros, iam ao mato de "noute" para roubar aos outros vizinhos. Havia um senhor lá em cima na horta a viver e eles iam para lá corrê-lo à pedrada de noite. E ele, coitadinho, só dizia assim da janela:

- "Levam um tiro!"

E eles a arreganharem o dente porque ele, coitadinho, não podia sair à rua, senão ainda era pior. E eles riam-se! Depois a mulher desse senhor vinha cá abaixo, a casa da minha mãe, lavar as queixas. E o meu irmão negava! Negava! Que não foi ele, que não foi ele! Agora é que conta que também era ele, mas a gente já sabia.



Fotografia 9: Acácio Bento Fontinha, filho de Maria Irene Bento.



Fotografia 10: Maria Irene Bento com 20 anos.

Costumes

“Ainda faço broa”

Lembro-me de ver a minha mãe fazer broa. Hoje, a gente até diz que é passar a farinha. Mas a minha mãe não dizia que era passar a farinha, dizia que era peneirar a farinha. Depois de peneirar, punha o sal. Naquele tempo tiravam o fermento porque não havia como agora. Era

diferente. Guardavam um bocadinho daquela massa lêveda, punham numa tigela e guardavam-na para quando voltassem outra vez a fazer o pão. Agora, por acaso, não faço assim. Raras vezes cozo, mas ainda faço broa. Já não é preciso cozer duas vezes numa semana. Compro fermento, à noite aqueço uma cafeteira ou um tacho com água no fogão e desfaço aquele bocadinho de fermento. Ponho lá e amasso um bocadinho daquela massa no alguidar onde hei-de fazer o pão. No outro dia aquele fermento está todo lêvedo. Depois amasso o pão, vai-se aquecer o forno e tende-se. Isso é difícil! Tender o pão é difícil. A broa da minha mãe podia ir de qualquer maneira que ficava sempre bem! Ela só lhe dava ali meia volta, "bumba", e punha-a logo na pá para ir ao forno. Nunca fui capaz de fazer isso e já me custa mais um pouco. Eu tenho tendido muito pão, mas já não tenho aquela prática como ela tinha. E a minha filha ainda é pior do que eu! Esta que morreu é que sabia muito bem, até sabia melhor do que eu, ainda pequenina e sabia muito bem.

Agora já há aí muitos fornos, mas naquele tempo havia apenas um forno para a povoação. Um ou dois, mas só me lembro de um. Havia aí mais, mas era só de um dono e, no outro, havia mais pessoas ligadas. Depois, cada um tinha a sua semana e a gente se queria cozer o pão tinha que ir pedir vez à pessoa a quem estava entregue o forno naquela semana.

“Ó Assunção, olha que eu não fiz sinal na broa!”

Uma vez a minha mãe cozeu broa em sociedade com outra senhora. A minha mãe deitou o pão - a gente dizia que era tender o pão - e aquela outra senhora, coitadinha, esqueceu-se de pôr o sinal no pão e pô-lo no forno. Faziam um sinal no pão. Umaz faziam com um dedo e ficava um buraquinho, outras punham uma caruma, mas não era toda por igual, claro! E a mulher, coitadinha, quando deu que a minha mãe já tinha posto o pão todo no forno, disse:

- "Ó Assunção, olha que não fiz sinal na broa! Mas,



Fotografia 11: Maria Irene Bento com 30 anos.



Fotografia 12: Maria Irene Bento (4^a da esq. p/ dir.) com a mãe, Maria da Assunção, e irmãos, Américo, Alfredo, Silvino e Jaime, no casamento do irmão mais novo.

ó Assunção, deixa lá que a tua conhece-se da minha."

A broa da minha mãe ficava sempre um bom pão. Por isso é que a gente a comia depressa. A minha mãe era uma pessoa que tudo o que fazia era bem feito.

- "Ó Assunção, não te arrelies que a tua conhece-se da minha."

“Fiz e vendi tanto queijo”

Para fazer o queijo, tem que se aquecer o leite em banho-maria. Antes, púnhamos um caldeiro em cima da fogueira, a bilha do leite dentro e depois os passadores. Mais tarde, a gente punha o pano por cima do passador. Mas primeiro não havia passadores. Punha-se um pano na boca da panela. Havia umas panelas apropriadas para o leite e a gente passava o leite. A minha mãe, quase sempre fazia com cardo que é o mais natural, não faz tão mal. Mas, às vezes, a gente arranjava outro fermento de pôr no leite. Depois ia sempre virando a panela para ele não arrefecer em volta da lareira e fazíamos o queijo. A minha mãe tinha uns arcos muito grandes que se punham à volta do queijo, diziam que era o achincho. Tínhamos de os virar todos os dias. Os meus, virava-os de manhã e à noite. Quando estava nevoeiro, eles começavam a

estender e tínhamos que lhes atar umas fitas. Se nos apetecia comer um queijo fresco comíamos mas tinha que ser logo fresquinho. No outro dia é que se comia fresco. Se passasse um dia ou dois o queijo já começa a fermentar e já não é fresco. Tínhamos também que os lavar. Dia sim, dia não a gente ia lavando, voltando, trocando os panos e tudo. Depois o queijo ia curando. Quando o tempo era de nevoeiros e muita chuva, era capaz de levar para cima de um mês a curar. E quando o tempo estava assim seco curava mais depressa. Mas já não é tão bom. Cura de repente e já não é tão bom. Fiz e vendi tanto queijo. Fiz tanto queijo e ganhei muito dinheirinho. E hoje já tenho que os comprar se os quero comer. Já não tenho cabras, não as posso ter...

“Era uma barrigada de rir”

Antes do Carnaval, muita gente ia para os bailes. Havia bailaricos por umas casitas, aqui e além. Mas não ia toda a gente. Os velhos ficavam a guardar a fogueira, porque tinham frio. Os novos, como não tinham frio, iam para o baile. As meninas solteiras arranjavam-se todas, pois claro! Algumas vezes, também fui. Mas a minha mãe não deixava. Só quando iam os meus irmãos, é que eu também ia. Mas quando eles não estavam, ela não me deixava ir.

Na Quaresma, passado o dia de Carnaval, havia o jogo do cântaro. As pessoas juntavam-se ali no largo, no meio da povoação, a jogar à panela com cântaros velhos. Antes do jogo, andavam por aí pela povoação a perguntar:

- "Ó tia, tem lá panelas velhas? Tem lá panelas velhas?"

As pessoas davam. Já estavam furadas ou rachadas e não dava para encher com água. Depois punha-se uma pessoa de um lado, outra ao lado, outra noutro, e jogavam a panela uns para os outros. Quando caía ao chão era uma barrigada de rir. Eram rapazes e raparigas a brincar para se divertir. E divertiam-se muito com aquelas coisitas.



Fotografia 13: Acácio Bento Fontinha, filho de Maria Irene Bento.

“A tigelada é partir os ovos”

Sei fazer tigelada. Para dizer que é boa de fazer, não é. A tigelada é partir os ovos. A gente mede o leite para uma tigela, conforme a quantidade que se quer fazer. Se quer fazer duas tigelas de leite, ou três, ou quatro, ou cinco ou seis. Eram doidos a fazer. Essa comida, essa qualidade de comer, era mesmo à doida. Hoje há poucos cá que ainda fazem, mas já não é como era primeiro. Porque, primeiro, não sabiam fazer outros doces também. Agora já fazem outros doces, mas naquele tempo os únicos doces que se cá faziam era tigelada e arroz doce. A tigelada é assim: faz-se aquela quantidade de tigelas de leite e depois a gente punha seis ovos. Há quem faça só com quatro, outros só com cinco, mas a gente fazia sempre com seis ovos. Os ovos são batidos à parte. Depois mistura-se os ovos naquele leite todo. Mexe bem mexidinho e põe-se açúcar até estar doce. É só o que leva. A tigelada é só feita de ovos, açúcar e leite, só três coisas. Depois é deitado nuns tachinhos de barro e vai ao forno. Enquanto não abre, enquanto não desagarra em volta do tacho e não está cozida. É esse o truque. Se estiver toda tomada ainda, desagarra em volta. Um bocadinho por cima, não é até abaixo. Ela sobe e depois abate. Nos fornos de lenha, é conforme. Também há quem a faça no fogão, mas nos fornos de lenha fica melhor. Às vezes, parece que está queimada, parece que apanha aquela crosta queimada. Quando tiver aquela crosta queimada, a gente vai com o bico de uma faca ou um garfo e tira-lhe aquela crosta para cima. E fica ali, quanto mais cozidinha estiver, melhor. Mas não pode levar açúcar a mais, porque se levar açúcar a mais fica muito seca. Para a tigelada ficar bem, tinha de ser feita com leite de cabra. A gente agora faz muita tigelada mas não é tigelada como se fazia primeiro. Agora fica branca e antigamente não. Ficava muito amarelinha, parece que fica toda escrapeadinha. E agora não, agora fica assim uns bocadinhos escrapeados, outros não. Porque os ovos já não são como os que havia e o leite de cabra era melhor do que este que se usa agora. Se a gente usar o leite em pó, leite



Fotografia 14: Maria Isabel, Acácio Bento e Maria Amélia, filhos de Maria Irene Bento.

Nido, também fica boa. Agora, até já pouco usam esse leite, mas primeiro usava-se muito. Com este leite dos pacotes, que é com que a fazem agora, não fica tão bem.

“Era comer e chorar por mais!”

Tínhamos porcos. Até nos vinham aí matar dois porcos. Nos dias da matança, a gente chamava as pessoas mais chegadas. A gente, para a "dejuva" da manhã, fazia logo o pequeno-almoço. Às vezes, cozíamos umas panelas de castanhas. Eram boas! Agora a gente já não gosta delas. Primeiro eram melhores que agora. E fazíamos umas baçadas de filhoses - dizíamos que eram filhoses - também para se comer de manhã. E fritávamos umas pratadas de sardinhas. Comiam tudo antes de irem matar o porco. Ia-se então matar o porco e depois fazíamos o almoço. Eram umas poucas de cozinheiras. Ajudávamo-nos umas às outras. Empréstávamos as panelas umas às outras, porque naquele tempo cozíamos tudo ao lume. Tínha-

mos muitas panelas de ferro e andávamos assim com as panelas. Só que para nós eram umas panelas mais pequenas e a gente emprestava umas às outras. Conforme hoje se acabava a festa naquela casa, outro dia já levávamos as panelas para outra casa. Matávamos o porco mas tínhamos que chamar às vezes homens de fora, sem ser as pessoas de família, para o arranjar. Depois a gente abria o porco. Tinha o almoço feito. Cortávamos logo um bocado daquela carne que tem muita fêvera, que era muito gostosa. Agora já não é assim. Fazíamos torresmos, comiam o sangue... Agora até me está a enjoar só de falar nisso, que agora não o como, mas naquele tempo comíamos sem saber aquilo que estávamos a fazer. Arranjávamos com um dente de alho, para termos no fim do outro comer. Começava-se a pôr a sopa. Depois eram castanhas, batatas, grão, massa... ai Jesus! As pessoas comiam muito com certeza. Aqueles homens que ajudavam a arranjar o porco almoçavam. Depois a gente dizia:

- Olha, fulano, se cá puderes vir à tarde ajudar.
- "Está bem."

Era quando tirávamos o porco para baixo. Tinham-no pendurado, tiravam-no para baixo e depois era despedaçado. E aqueles homens que o arranjavam de manhã, à tarde vinham acabar de o arranjar. Depois cortávamos aquela carne toda em pedacinhos pequeninos e punham-nas numas gamelas. Então, tratávamos de fazer as chouriças. Isso ainda faço, mas já é diferente. Compro a carne e faço em casa. Mas não encho logo no outro dia. Deixo estar um dia ou dois e depois é que encho. Mas naquele tempo fazíamos assim. Traçávamos aquela carne toda à noite, púnhamos alho, colorau, água e uma pinga de azeite e mexia-se bem mexidinho com uma colher de pau. E ao outro dia, por meia manhã, as mulheres da família vinham fazer as chouriças de carne e de farinha, por vezes de sangue também. E eu gostava daquilo! Agora não. A minha mãe e eu fazíamos chouriças de duas qualidades. Esta carne que era mais branca, ela dizia assim:

- "Olha, essa bota-se para o sangue."

E era bom. Era melhor do que a outra carne mais



Fotografia 15: António Mendes, genro de Maria Irene Bento.



Fotografia 16: Ana Cristina Santos, nora de Maria Irene Bento.

limpa. Tinha mais gordura e comia-se assim fresquinho, era muito bom. E também fazíamos de farinha, as chamadas farinheiras, mas púnhamos um bocadinho de sangue. A minha mãe fazia. Depois, mais tarde, começámos a fazer também de pão de trigo, assim como ainda faço hoje. É bom. A gente nessa altura fazia só com trigo e gordura, mas agora ponho um bocadinho de farinha. Ponho uma quantidade de pão, trigo e ponho o resto em farinha e gordura. Ainda tenho feito. Às vezes, pedíamos a uma pessoa em que a gente tivesse mais confiança:

- Ó fulano, vais-me salgar a carne?

E eles vinham e salgavam a carne. A gente ia para o pé deles a dizer:

- "Ponha esta, ponha aquela."

Depois íamos pôr ao fumo até secar. O tempo dependia das fogueiras que se faziam. Ainda este ano fiz. Para o ano não sei se poderei fazer, mas este ano ainda fiz. Só que agora faço sozinha. E tenho que comprar essas coisas, porque já não mato o porco. Já não temos com que o criar, nem tenho posses para o criar porque dá muito trabalho. Mas tive anos de matar dois porcos grandes. Era uma fartura. E era bom, agora não. A gente vai buscar a carne, mas já não tem o gosto que tinha antes. Porque, primeiro, éramos nós que os criávamos. Comprávamo-los pequeninos e criávamo-los. Depois aqueles torresmos tinham um cheirinho. Era comer e chorar por mais!

Quotidiano “*A miséria foi muito grande*”

Cultivávamos milho, feijão, batata. Outras coisas não cultivávamos, mas trabalhávamos muito. Era tudo para usar em casa. Mais fosse! Nós agora vamos comprar, mas naquele tempo onde é que íamos comprar? Não havia dinheiro, nem havia onde comprar! Só lá longe claro, nas feiras. Só havia uma merceariazita aqui, até eram nossos vizinhos. Agora já nos vêm trazer aqui as coisas à porta. A minha mãe, coitadinha, acabava-se-lhe o dinheiro. O meu pai andava por Lisboa, mas, coitado, era muito agarrado ao dinheiro e ganhava pouco. Ele gostava de comprar os bocados e para quê? Para hoje estarem cheios de matos. E depois mandava sempre o dinheiro à miséria. A minha mãe, coitada, aqui com os cinco filhos, gastava muito. Desses vizinhos nossos que tinham uma merceariazita, podia trazer o que quisesse e só pagava quando vinha o dinheiro. Tínhamos uma tia madrinha que vendia as roupas e a minha mãe, é claro, comprava as roupas porque os meus irmãos para estafarem roupa era uma miséria. E ela comprava as roupas à minha madrinha e ficava-as a dever. Depois quando cá chegava o dinheiro que o meu pai mandava, já não chegava para pagar o que se devia. Coitadita, andava sempre aflita, sempre aflita. E o meu pai dizia assim:

- "És uma estragada."



Fotografia 17: Maria Irene Bento, com os vizinhos num dos terrenos de Soito da Ruiva.

Coitadinha, sabe Deus como viveu.

Os meus irmãos tinham duas mudazitas de roupa. Quando andavam na catequese, iam daqui para Pomares a pé. Demoravam duas horas a chegar lá. E a minha mãe à "noute", tirou a roupita a um dos meus irmãos - que agora até está em Vendas Novas -, foi-a lavar e deixou-a a enxugar ao lume. E de manhã quando se levantou a roupa tinha caído para o lume e abrasou. Coitadinha, chorou. Ele já não tinha mais nada que vestir e não pôde ir. Era de todo aquele moço. Uma vez vestimos-lhe umas calças ao Domingo, ao meio-dia, e ele foi com os rebanhos do gado para os matos. Quando chegou à "noute" trazia as calças todas às tiras. Cortaram um pinheiro e andaram um dia inteiro a azourrar em cima dele. Uns e outros a puxarem à vez. Ele chegou à noite com as calças todas cortadas. A minha mãe chorou tanto. Coitada, sabe Deus como vivia. A miséria foi muito grande.

Hoje, ainda fazemos umas coisitas. Levantamo-nos de manhã, tomamos o pequeno-almoço. Já não tenho leite das cabras, mas também não tomo leite que me faz mal. O meu marido toma, mas temos que comprá-lo. Às vezes, faço um cafezito e agora até me habituei a fazer uma farinhinha que me faz melhor. Sinto-me melhor. Depois vou tratar das galinhas e, às vezes, vou buscar

uma lenhita ou fazer mais qualquer coisa. O meu marido vai para a quinta lá para cima. Diz que tem lá sempre que fazer. Faz lá muito trabalho. A gente ainda cultiva umas batatinhas, hortaliça e feijão. Temos assim outras coisitas e vamo-nos entretendo com estas coisitas. Depois almoçamos. Fazer o almoço, isso, está em primeiro lugar. Ao meio-dia está feito. A gente pode lá dar as voltas que der mas ao meio-dia o almoço está feito.

À tarde vamos para cima outra vez, estamos lá na quinta. A gente diz que já não vai, que não anda assim muito bem, mas continuamos a cultivar lá. Poucochinho, porque a gente não pode. O meu marido ainda cavou muita terra, mas, coitado, já não pode. Muito faz ele! Se fossem alguns da idade que ele já tem e com os problemas que tem, já não faziam nadinha. Mas anda melhor a fazer alguma coisa do que estar sem fazer nada. É deixá-lo andar! Depois, nós vimos para casa. Fechamos a porta às cinco horas. Eu só digo:

- Fecha lá a porta. O Senhor Jeová queira que não seja preciso sair mais à rua hoje.

Acendemos a fogueira, ligamos a televisão, lemos ou fazemos mais qualquer coisa. Às sete horas ele aquece a sopinha para depois se ir deitar.

Religião “*Palmilhámos isto tudo a pé*”

Também andei na catequese, mas foi menos tempo que os meus irmãos. Já não andei assim lá tanto tempo. Íamos até ao Sobral Magro. Demorava-se aí três quartos de hora por uns carreiritos de cabras. Não havia estradas. Havia uma estradazita mas era mais um carreiro. Para passar carros não dava, era só um animal de carga de cada vez. Mais nada. Uns tempos atrasados. Na altura que andava na catequese também ia à missa. Cá, ao uso, a gente trazia uma coisita qualquer, mas quando íamos à missa gostávamos de ir todas bonitas, embora descalças. Levávamos uns chinelitos num saquito e quando chegávamos lá perto calçávamos. Começávamos a sacudir os pés com umas folhas quaisquer e calçávamos os sapatitos, uns chinelitos, vá. Mas à volta a gente pousava o

carrego que trazia e voltava a tirá-los outra vez. Palmilhámos isto tudo a pé. Trazíamos os dedos tudo botado a baixo. A gente, às vezes diz: "Ó tempo volta para trás!" mas houve tempos que não deixaram saudades nenhuma.

Namoro “*Escreveu-me a pedir em namoro*”

O meu marido era meu primo directo. A minha mãe era irmã da mãe dele. A minha mãe foi criada lá na Ribeira e a mãe dele também. Ele já andava em Lisboa quando começámos a namorar. Tem mais sete anos do que eu. Escreveu-me a pedir em namoro. Era eu que lia as cartas, mas o meu irmão apanhava-mas. Se soubessem o que eu passei com a primeira carta que ele me mandou, vocês ri-am-se, nem acreditam. Jesus! Recebi aquela carta e tive que a ter todo o dia na algibeira, que não ma deixavam ler. Outro dia, fui para ir cortar um molho de mato e o meu irmão seguiu-me sempre. Eu a dizer-lhe:

- Alfredo, roça aqui.

A gente diz que é cortar, mas naquele tempo dizia roçar.

- Roça aqui o teu molho.

Mas ele sabia que eu levava a carta na algibeira e não me deixava ler. Eu queria ler, mas não ma deixavam ler. E depois, é claro, eu sempre a li.

Casamento “*Casei-me ainda garota*”

Eu casei-me garota, com 17 anos. Foi uma parvoíce, Jesus! Não dou de conselho a ninguém, a rapariga nenhuma nem rapaz, que se case com aquela idade. Então, quando é que foi a vida de solteiro?

No dia do casamento não fui vestida de branco. Naquele tempo não íamos de branco. Era um fatito, saia e casaco azul, uma blusita branca, um véu preto na cabeça e um xaile de merino, diziam que era de merino. Uma viúva, parecia uma viúva. Era assim a tradição. O meu marido levava um fato preto e um chapéu na cabeça. Já não tenho recordação nenhuma do casamento.



Fotografia 18: António Fontinha, quando ainda era solteiro.



Fotografia 19: Irene Bento e António Fontinha.



Fotografia 20: Grupo de convidados no casamento de Maria Isabel, filha de Maria Irene Bento.

Nem temos fotografias. Naquele tempo quem é que tinha dinheiro para tirar fotografias?

Depois fizemos uma festa na casa da minha mãe. Ajudaram todos. Uns davam uma coisa, outros davam outra. Tínhamos lá chanfana, arroz doce, tigelada, pão-de-ló. Era o que havia. Já não era nada mau. Depois, também se costumava ir levar alguma coisa às outras pessoas que não tinham sido convidadas. Havia pessoas que, às vezes, davam qualquer coisa. Naquele tempo davam pouco, também! Coitadinhos, não tinham. Mas a gente, às vezes, ia levar um pratito de arroz, dois bolitos assim por cima. Era uma lembrança!

Depois, os meus pais emprestaram-me uma casita velha, que agora até já está modificada, e a gente foi para lá viver. Eu é que fui para lá, que o meu marido, 15 dias depois, teve que ir para Lisboa. Depois estive um mês sem ter notícias dele, nem uma carta me mandava. Estava num sítio que nem uma carta me podia mandar, pois não tinha correio. Ele trabalhava na cortiça. O pa-



Fotografia 21: Maria Amélia Bento Fontinha, com 18 anos.



Fotografia 22: Acácio Bento Fontinha, filho de Maria Irene Bento.

trão mandava-o para o Alentejo. Eles não diziam que era para o Alentejo, diziam que iam para o mato, mas era no Alentejo. Agora quando lá passo, quando vou para casa do meu filho é que eu vejo para onde iam. Iam enfardar a cortiça. De maneira que tinham que lá estar muito tempo. Enquanto lá estivesse a cortiça eles tinham que estar lá. E mesmo que estivessem sem fazer nada, tinham que estar a guardar a cortiça. Depois ali não tinham meios para ter correio para me mandar uma carta. Ora, eu aqui durante um mês à espera de uma carta, vejam lá bem. E que remédio! Aquilo é que foi uma lua-de-mel! Depois, eles em escrevendo, a gente escrevia logo outra vez. Para a outra semana já vinha outra carta e era assim. Era assim a nossa vida.



Fotografia 23: Maria Isabel Bento Fontinha, filha de Maria Irene Bento.

Tive três filhos. Na altura em que o meu marido estava fora, ficava sozinha a cuidar dos filhos e do trabalho. Tinha que cavar a terra, agarrada a uma enxada. Cavava terra, cortava mato, tinha cabras, ovelhas, galinhas, porcos e tinha os filhos. Isto é que foi trabalhar.

Lugar “*Isto agora está tudo muito modificado*”

Os terrenos aqui são todos como se fossem degraus, as chamadas quelhadas. Para regar a gente fazia assim: a gente abre uns regos, umas valas, à beira das paredes depois mete a água. Depois a água é toda cortada. Aquilo dá muito trabalho. E não podia regar à-vontade. A água aqui era toda dividida. Uns tinham uma hora, outros tinham duas, outros tinham três, outros um quarto de hora. Era conforme. Estas divisões de água já lá vem do tempo dos nossos pais e avós. Tem a ver com o tamanho do terreno. E ainda hoje é assim. Nós temos os terrenos abandonados, mas sabemos o tempo de água que lá temos. Assim não o podemos perdoar. Às vezes, por causa da água, as pessoas enganavam-se umas às outras. Não me recordo como faziam isso, mas andavam sempre a ralar. Nós temos aqui um rego de água, que passa aqui à minha porta, e tem água corrente. No Verão passa aqui. Vem lá do ribeiro para a aldeia e passa aqui. Em Agosto ainda passa aqui água. É verdade! Depois onde estão os moinhos passa o ribeiro da Azinheira e aqui dizem que é o ribeiro da Fonte Ribeiro.

Os castanheiros rebentavam por aí. As castanhas ficavam perdidas e depois nasciam castanheiros. Cá havia muitos castanheiros e muitas castanhas. Agora não. Queimou-se tudo. Já aos anos que não havia, porque este fogo que veio agora também já tinha vindo há 18 anos e já tinha devorado tudo. Mas agora ainda foi pior, mesmo assim. Quando era miúda, a gente não dormia para ir apanhar as castanhas logo de manhã, assim que vinha muita chuva. Umas coziavam-nas, outras assavam-nas e ainda outras deitavam-nas nuns caniços e secavam e assim ficavam piladas. É a isso que a gente chama castanha pilada. Depois pisavam-se para comer.

Aqui também havia cultivo de azeitonas. Havia aqui muitas pessoas que curtiavam muita azeitona. Punham-nas na água e depois iam-lhe mudando a água. A minha mãe punha cascas de laranja na água. E depois da azeitona estar curtida deitavam-nas na cinza. Depois, la-

vam-nas bem lavadas e comiam-nas com pão. Eu não gosto. Nunca gostei de azeitonas. Também as não podia comer, nem vê-las! Mas não me fez diferença que não gostava delas. A minha mãe, às vezes, lá curtia uma panelita delas, mas os meus irmãos catavam-lhas todas. Ainda elas estavam a amargar e eles catavam-lhas todas. Havia aí pessoas que tinham azeitonas para todo o ano. Agora não, tudo se acabou. Também faziam azeite. Assim como ainda fazem agora. Este ano tive pouca sorte no meu azeite que não o pude comer. A azeitona foi poucozinha porque as oliveiras queimaram. Só umas ali adiante é que não se queimaram. O meu marido até se aleijou por causa da azeitona. E aqui para baixo a azeitona estava toda podre. Como a minha era pouca tiveram que juntar com outra e o meu azeite não o pude comer. Tenho-o ali todo para deitar fora. Andámos a comprá-lo e não se pode provar. Está com um mau gosto. Só em Pomares é que há um lagar. O azeite não era feito em Soito da Ruiva. Em Pomares é que a azeitona era moída. É mais perto, mas tem noutros lugares mais longe. Eles vinham buscar a azeitona numa camioneta e levavam-na cheia. E enquanto não fossem todas, não traziam cá o azeite. Agora já cá não vêm, a gente tem que ir levá-la, pois tudo se acabou. Eram eles que faziam a mdivisão do azeite no lagar. Depois, já traziam dividido. Ainda há pouco acabei o meu, já era de há dois anos, agora tenho que o comprar. Que remédio!

Andei na escola no Sobral Magro, porque em Soito da Ruiva não havia escola na minha altura. Houve mais tarde. E lembro-me de ser construída. Estava casada há pouco tempo e já tinha a minha filhinha que me morreu. Ainda fui buscar dois sacos de areia lá adiante, ao cimo da Mourisia, para ganhar algum dinheiro. Mas depois fartei-me. Era muito longe. A partir daí houve sempre escola, mas depois não havia professoras ou crianças. Tanto que os meus netos já não andaram nesta escola. Tiveram que ir para Lisboa, para o pé do pai, porque não tínhamos cá escola. Os meus filhos ainda andaram aqui na escola. Mas estivemos aqui dois anos sem escola. É claro que as minhas filhas se atrasaram. Só fizeram o

exame em adultas. Nesse tempo andávamos todas a cavar. Era meia tarde quando elas atiravam com a enxada:

- "Ó mãe, vamos embora!"

E eu ficava sozinha a cavar e elas vinham-se embora. Vinham lanchar e preparavam-se. Era uma alegria para elas, um divertimento irem à escola. No fim de acabar a aula dos miúdos que andavam na escola começava a delas. E elas fizeram as duas o exame da 4^a classe já em adultas. Elas e mais raparigas aí. O meu filho também ainda lá andou na escola. Mas depois teve que ir para Coja. Depois de Coja foi para Lisboa.

Aqui só agora é que há médico. A Comissão é que puxou para cá um posto médico. Às vezes, até vai para dois meses que não vem médico. Mas mesmo assim já é muito bom, porque primeiro não havia nenhum. Tínhamos que ir a pé a Avô para ir ao médico. Demorávamos muito tempo a lá chegar. Era preciso andar bem para chegar a Pomares em duas horas. E de Pomares para Avô era capaz de levar perto de uma hora, porque as curvas são muitas. Naquele tempo não havia carros nem estradas. Além disso, havia aquelas rezinhas mas não prestava para nada. Havia quem fizesse, mas era uma ilusão das pessoas. Então, alguma vez fazia algum bem? Agora é que estou desiludida com essas coisas.

Mas isto agora está tudo muito modificado. Muita coisa está diferente. Nós, no Inverno, íamos passar os serões a casa uns dos outros, agora não. Agora ninguém vai para casa de ninguém. À noite tudo se fecha em casa cedo. O pessoal já é pouquinho e já não tem pessoas novas, é tudo pessoas idosas. Eu tinha ali os meus primos na casa do tio Manel Zé. A mulher dele e a outra que morreu muito nova eram como minhas irmãs. Ou eles estavam em nossa casa ou nós na deles. Os meus irmãos eram tão amigos deles que chegaram a pôr um fio no quarto deles na casa da minha mãe, com umas campainhas para que quando precisassem de falar uns aos outros, puxavam por o fio e a campainha tocava lá na casa deles; ou eles puxavam e a campainha tocava na nossa casa. As pessoas eram muito unidas, mais do que agora. Agora não, há cá uns que se sentem bem sozinhos.

Pessoas “*Costumavam dar nomes às pessoas*”

Às vezes, costumavam dar nomes às pessoas da terra para diferenciar uns dos outros. Dizem que é a "Deolinda dos Pinheiros" aquela que está lá em cima do povo a viver. A minha vizinha chamavam de "Maria dos Tojos". Outra, dizem que é a "Maria das Ameixeiras". Em primeiro, havia aqui umas ameixeiras - o meu marido até já as cortou mas foi com ordem da dona - e então diziam que essa minha vizinha de cima era a "Maria das Ameixeiras". E temos uma - ela até é nossa irmã - que dizem que é a "Benvinda da Fonte Leonor", porque chamavam àquela fonte que temos em cima Fonte Leonor. Ainda chamam hoje. E antes de ela ir lá viver, chamavam-na a "Benvinda do Muro". Enquanto ela esteve numa casita - agora até se queimou - da mãe dela, diziam que era a "Benvinda do Muro". A vizinha que vive em baixo, dizem que era a "Benvinda da Eira", porque vivia ao lado da Eira. A outra que vive ao lado é a "Maria da Fonte". Havia ali uma rapariga, que até é muito amiguinha de falar, que diziam que era a "Ermelinda da Valeira" porque ia à valeira. Também havia outra e também muito boa rapariga, não se pode dizer o contrário, que era a "Fernanda da Barroca".

Quase que não tenho família. Agora só tenho uma sobrinha daquele lado, a Cidalina. Antes tinha cá muita família mas, coitados, o meu cunhado, as minhas duas cunhadas e uma sobrinha foram para o lar. E no espaço de um ano, coitaditos, morreram todos. Só lá tenho a minha sobrinha no lar de Avô. Não tenho cá mais ninguém. O meu cunhado, a minha sobrinha e eu somos todos primos. Quase toda a gente da aldeia é família. Haverá por aí poucas pessoas que não sejam da minha família, só que são afastadas, podem ser primas. Tios, já não tenho cá nenhuns.

Sonhos “*Um transporte para nos ir levar à carreira*”

As pessoas são novas precisam de se divertir, acho bem, só que nós não ligamos a festas, porque a nossa organização é diferente. E a mim já não me custou a oprimir dessas coisas, porque os meus desgostos são muitos e tão fortes que não tenho nenhuma coisa a dizer, é mesmo assim. Eles fazem bem. A vida é deles e são novos, como tal precisam de se distrair. Mas o que cá precisávamos mais era de um transporte para nos ir levar à carreira. Não estamos a dizer para nos ir levar a Arganil! Não, era só daqui para a carreira. O meu marido no outro dia foi daqui para o Sobral para apanhar a carreira, tão devagarinho que ele ia que nunca tive jeito de ir assim tão devagar, só a ver se ele me acompanhava. Eu olhava para trás e ele vinha tão longe. Ia cheia de medo! Estava frio e disse:

- Agora tenho de esperar por ele! Se ele se me assenta para descansar dá-lhe alguma coisa!

E disse assim mais:

- Nunca mais torno para cá a vir a pé com ele. Temos de perder o amor ao dinheiro.

Depois, ele chegou lá e sentou-se. E eu cheia de medo, porque ele agora está de uma maneira que qualquer coisa o começa a pôr branco e com queda de tensão e fica-se assim. Eu disse:

- Olha, não voltamos para cá a pé! Perdemos o amor ao dinheiro é o que havemos de fazer.

Depois, fomos daqui para a serra, sempre a subir também. A subir, ele ainda vai. Devagarinho, mas vai. Para mim é que me custa subir, que a saúde não me deixa. E, pronto, a gente agradecia era isso, que aqui nos viesse buscar uma carrinha para nos levar à carreira à serra ou ao Sobral. Era isso que nós agradecíamos.

Avaliação

Acho bem esta ideia de virem a casa das pessoas e conhecer como é que era a vida antigamente. Nós somos

umas pessoas fechadas.